

A MEDITATIO MORTIS NO LIVRO DO HOMEM (1300) DE RAMON LLULL¹

“Considera freqüentemente as condições de tua morte e serás humilde.”
Ramon Llull (1232-1316), *O Livro dos Mil Provérbios*, cap. XL, 5.

As filosofias clássica e medieval tinham como um de seus principais fundamentos a *meditação da morte*. Platão (c. 428-347 a.C.) foi um dos primeiros a expressar esse pilar reflexivo: “...aqueles que filosofam, no reto sentido da palavra, se exercitam em morrer”.³ Cícero (106-43 a.C.), mantendo essa mesma linha de pensamento, disse que toda a vida filosófica é um comentário sobre a morte.⁴

Por sua vez, desde cedo o cristianismo abraçou com muito vigor e profundidade a *meditatio mortis*.⁵ Em sua *Segunda Carta aos Coríntios*, São Paulo expressou a serenidade com a qual o cristão constantemente reflete sobre a corrupção do *homem exterior*, isto é, do corpo, em oposição à diária e serena renovação do *homem interior*, isto é, da alma. E por isso, os verdadeiros cristãos deveriam atentar não para as coisas visíveis, porque são temporais e perecíveis, mas para as invisíveis, que são atemporais e eternas.⁶ Portanto, a preparação para a morte era o verdadeiro exercício da filosofia, e especialmente da *filosofia cristã*⁷: meditativa, a alma do crente se encontrava em si mesma e tinha consciência do permanente exílio que significava viver nesse tempo fugaz e habitar a frágil moradia terrena, o corpo.

¹ A escolha do tema surgiu de cinco reflexões pessoais, todas coincidentemente quase na mesma época. A primeira, a morte de um querido amigo, o genealogista e heraldicista Dr. Rui Vieira da Cunha, a quem dedico este artigo; a segunda, a leitura do *Livro do Homem*, belíssimo texto que apresentamos um extrato ao público português; a terceira, duas instigantes conversas sobre a morte que tive em Sant Cugat del Vallès (Barcelona) com meu estimado amigo, Prof. Dr. Pere Villalba Varneda (*Universitat Autònoma de Barcelona*); a quarta, meu ingresso na meia-idade, e a quinta, meu filho Ricardo. Curiosamente, neste ano de 2005 ele chorou três vezes, e perguntou o que aconteceria depois de sua morte, se estará ao lado de Deus – e isso com apenas sete anos!

³ PLATÃO, *Fédon*, Parte II.

⁴ CÍCERO, *Disputas Tusculanas*, I, XXX, 74, *Internet*, <http://www.thelatinlibrary.com/cicero/tusc1.shtml>.

⁵ Eclesiastes 8,8 e 9,5-6; Jó 10, 21-22; Salmos 115, 17; João 3, 16 e 11, 25.

⁶ 2Cor 4, 11-18.

⁷ F. COPLESTON, *Historia de la Filosofía*, Barcelona, Ariel, 1969, vol. II, p. 17-19.

A tradição filosófica medieval preservou, desenvolveu e aprofundou essa meditação metafísica. Cassiodoro (c. 490-575)⁸ e Isidoro de Sevilha (c. 560-636)⁹, além de citarem os antigos nesse tema, serviram como ponte entre os pensadores antigos e medievais, retransmitindo aos pósteros essas considerações clássicas.¹⁰ Por exemplo, mais tarde, no século XII, em seu *Didascálicon* (1127), Hugo de São Vítor (1096-1141) afirmou: “A filosofia é a meditação da morte, coisa que convém sobretudo aos cristãos, os quais, desprezada a ambição terrena, vivem num estilo de vida disciplinado, à semelhança da pátria futura.”¹¹ Dessa maneira, quando o filósofo Ramon Llull (1232-1316) se expressou e meditou sobre a morte, nada mais fez que manter a tradição filosófica ocidental, embora com matizações importantes, como veremos.

*

A morte esteve presente tanto nos escritos quanto no sentido da vida de Ramon Llull. Por um lado, ele sempre refletiu sobre seu significado; por outro, desde sua conversão, ele desejou o martírio. Em sua *Vida coetânia* (1311), o beato nos informa que, após sucessivas visões do Cristo crucificado, enquanto compunha uma canção para uma dama que “amava com um amor feiticeiro”, concebeu primeiramente “...dar sua vida e alma por Seu amor e honra, convertendo a Seu culto e serviço os sarracenos que, por seu grande número, rodeavam os cristãos por toda parte.” (I,5)¹² Isso ocorreu por volta de 1263.

Essa importante autobiografia do beato ditada por ele a um monge amigo da cartuxa de Vauvert (nas proximidades de Paris) também nos diz que, já com cerca de sessenta anos (1292-1293), Ramon teve uma *crise psicológica* em Gênova devido a um “pavor paralisante” de morrer nas mãos dos sarracenos, pois estava pronto para embarcar para o norte da África. Assim, “...esquecendo o propósito pelo qual havia decidido morrer por Cristo convertendo os infieis a Seu culto” (IV,20), ele permaneceu na cidade italiana, com “grande remorso de consciência” e gravemente doente, “quase reduzido a nada” (IV,20).¹³

Esse momento da vida de Llull, conhecido como a *crise de Gênova*, “crise central de sua existência”,¹⁴ foi seguido de um fortalecimento de sua fé: “ilustrado pelo Espírito Santo”, Ramon embarcou para Túnis, recobrando “a esperança que pensava ter perdido com seu obscurecimento, e também a saúde de seu corpo abatido.” (VI, 25).¹⁵

Nessas breves passagens da vida de Ramon Llull se observa a importância do tema da morte: o maiorquino sempre buscou o martírio, propósito de vida muito recorrente ao longo de toda a Idade Média, especialmente no *século cristocêntrico* (XIII), que, a

⁸ *Institutiones*, 2, 3, 5.

⁹ *Etimologiae*, 2, 24, 9.

¹⁰ J.-I. SARANYANA, *La Filosofía medieval*, Pamplona, EUNSA, 2003, p. 109-111.

¹¹ HUGO DE SÃO VÍTOR, *Didascálicon. Da arte de ler*, Petrópolis, Editora Vozes, 2001, Livro II, cap. 1, p. 85.

¹² RAMON LLULL, “Vida Coetânia”. In: A. BONNER, *Obres Selectes de Ramon Llull (1232-1316)*, Volum I, Mallorca, Editorial Selecta, 1989, p. 14.

¹³ RAMON LLULL, “Vida Coetânia”, op. cit., p. 31.

¹⁴ A. VEGA, *Ramon Llull y el secreto de la vida*, Barcelona, Ediciones Siruela, 2002, p. 42.

¹⁵ Para a viagem de Ramon a Tunis, ver R. DA COSTA, “Muçulmanos e Cristãos no diálogo luliano”. In: *Anales del Seminario de Historia de la Filosofía* (UCM), vol. 19 (2002) p. 67-96.

partir de São Francisco (c. 1181-1226), pregou o retorno dos cristãos à vida apostólica.¹⁶ Além disso, em muitos de seus escritos Llull tratou do tema da morte.¹⁷ Selecionei o *Livro do Homem* (texto escrito em 1300, na cidade de Palma de Maiorca), tanto por seu vigor quanto pela dramaticidade poética que o texto possui acerca desse tema.¹⁸ Naquele ano, tempo em que o Mediterrâneo ocidental falava o catalão como língua “internacional” tanto no comércio quanto na diplomacia¹⁹, Llull havia retornado a sua ilha natal, vindo de Paris. Na cidade que então era o centro cultural da cristandade, Ramon se encontrou pela segunda vez com o rei Felipe, o Belo (1285-1314), suplicando-lhe algumas coisas úteis para a “Santa Igreja de Deus”.

Por sua vez, Maiorca havia sido restituída ao rei Jaime II, o *Justo* (1291-1327), após a confirmação do *Tratado de Anagni* (1295) pelo *Acordo de Argelès* (1298), quando Jaime subordinou-se à coroa de Aragão. Ramon então recebeu do rei uma permissão especial para pregar em mesquitas e sinagogas, tanto no reino de Jaime quanto nas ilhas Baleares.²⁰

Em Maiorca, de volta à sua terra natal, o filósofo escreveu oito obras.²¹ Foi nesse período também que desenvolveu sua poesia.²² Deprimido com o fim de sua escola de Miramar, Llull escreveu o *Canto de Ramon*, poema que possui uma das passagens confessionais mais dolorosas que exprime liricamente a dor de seus desenganos e a tristeza pelo fato de os poderes constituídos no mundo não lhe darem ouvidos:

¹⁶ Ver A. VAUCHEZ, *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental* (séculos VIII a XIII), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995, p. 125-158, e B. BOLTON, *A Reforma na Idade Média*, Lisboa, Edições 70, 1986.

¹⁷ Por exemplo, na *Doctrina pueril* (c. 1274-1278), obra dedicada a seu filho Domingos, Llull trata da morte especificamente em um capítulo, para que seu filho medite sobre ela e busque a vida cristã, preparando-se já nesse mundo para a vida eterna. Veja, por exemplo, essa interessante passagem: “Filho, cada dia morres, pois a morte se aproxima de ti todos os dias, e os mortos que vêm soterrar e apodrecer sob a terra te significam que és e serás como eles, e assim como eles são esquecidos e desobedecidos por seus filhos e parentes, serás esquecido e desobedecido.” – RAMON LLULL, *Doutrina para crianças*, cap. LXXXVIII, 4 (edição de Gret Schib, Barcelona, Editorial Barcino, 1957). A tradução é minha e do *Grupo III de Pesquisas Medievais da Ufes* (disponível na *Internet* no site www.ricardocosta.com).

¹⁸ No *Catálogo Cronológico das Obras de Ramon Llull*, Anthony Bonner indica as edições do *Livro do Homem*: “III.47. *Libre de home; Liber de homine*. Nov. 1300 - Maiorca. E 28, Sa 112, HLF 45, Lo iii/23, Gl cm, Av 86, Ca 37, Pla 105, Per 58, ROL 94. Catalão. 4 Mss. 2 eds.: (1) ORL XXI (1950), 1-159; (2) fragm. em M. Batllori, *Antologia filosòfica* (Barcelona, 1984), p. 199-210, 423-9. Latim. 14 Mss. Ed. MOG VI (1737), 475-536 = Int. viii.” – OS, vol. II, p. 563.

¹⁹ J. N. HILLGARTH, *El problema d'un imperi mediterrani català*, 1229-1327, Palma de Mallorca, Editorial Moll, 1984, p. 121.

²⁰ F. DOMÍNGUEZ REBOIRAS, “El Dictat de Ramon y el Coment del Dictat. Texto y contexto”. In: *SL*, 1996, vol. XXXVI, p. 50.

²¹ *Començaments de filosofia* (*Principia philosophiae complexa*), *Cant de Ramon*, *Medicina de peccat*, *Libre de l'és de Déu* (*Liber de est Dei*), *Libre de coneixença de Deu* (*Liber de cognitione Dei*), *Libre de home* (*Liber de homine*), *Libre de Déu* (*Liber de Deo et Jesu Christo*) e *Aplicació de l'Art general*.

Sou um homem velho, pobre, menosprezado,
não tenho ajuda de qualquer homem nascido
mas grande feito tenho realizado.
Grande coisa tenho do mundo buscado,
e excelente exemplo tenho dado:
mas pouco sou conhecido e amado.

Desejo morrer em abundância de amor.
Por ser grande, não tenho pavor
Nem de mau príncipe, nem de mau pastor.
Todos os dias considero a desonra
que fazem a Deus os grandes senhores
que colocam o mundo em erro.
(RAMON LLULL. *Cant de Ramon*, vv. 43-54)²³

*Som hom vell, paubre, menyspreat
no hai ajuda d'home nat
e hai trop gran fait emparat.
Gran res hai de lo món cercat;
mant bom exempli hai donat:
poc som conegut e amat.*

*Vull morir en pèlag d'amor.
Per esser gran no hai paor
de mal príncep ne mal pastor.
Tots jorns consir la desonor
que fan a Déu li gran senyor
qui meten lo món en error.*

Nesse momento de extrema depressão e melancolia²⁴ – um dos muitos de sua longa vida – Ramon Llull escreveu o *Livro do Homem*.²⁵ E logo em seu Prólogo, o autor define o objetivo de sua obra:

Como é conveniente que o homem saiba o que é o homem, pois é homem, desejamos investigar e mostrar o que é o homem, pois quando o homem sabe o que ele é, conhece a si mesmo; e ao saber de si mesmo, sabe amar a si mesmo e a outro homem, e também conhecer e amar a Deus, que é homem por ter sido homem.²⁶ Ademais, aquelas coisas que pertencem ao homem, ele pode amar e conhecer, além de se esquivar das coisas que são contra ele.

Por isso, é conveniente que façamos este Livro do Homem, o qual fazemos de uma maneira muito abreviada e explícita para ser entendido facilmente por todos os homens. (ORL XXI, p. 3)²⁷

²² F. DOMÍNGUEZ REBOIRAS, “Introducción General. La vida de Ramon Llull alrededor del año 1300”. In: ROL (ed. F. DOMÍNGUEZ REBOIRAS), Turnhout, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1993, tomo XIX, p. IX-XLIX.

²³ RAMON LLULL, *Obres Essencials*, Barcelona, Editorial Selecta, 1957, p. 1302. Há uma excelente e recente edição do *Cant de Ramon*: RAMON LLULL, *Lo Desconhort – Cant de Ramon* (edició a cura de Josep Batalla), Barcelona, Tona, 2004.

²⁴ J. BATALLA, “Introducció”. In: RAMON LLULL, *Lo Desconhort – Cant de Ramon, op. cit.*, p. 16. Contudo, Josep Batalla é prudente e hesita ao taxar Llull de depressivo: “Diagnosis psiquiàtriques han pretés que Llull hauria patit una *malencolia ansiosa* o una *psicosi maníaco-depressiva* (...) És possible. Tanmateix cal tenir en compte que els psiquiatres que han emès aquests dictàmens sobre Llull no han explorat cap pacient actual que poguessin interrogar i observar clínicament, sinó un medieval –les malalties psíquiques tenen un fort component social– que ha expressat el seu patiment seguint cànons retòrics medievals.” – *op. cit.*, p. 16, nota 28.

²⁵ A edição que nos basearemos será a de RAMON LLULL, “Libre de Home”. In: *Obres de Ramon Llull, edició original*, Palma, 1950, vol. XXI, p. 1-159. Citaremos a partir de agora somente como ORL XXI (e todas as traduções das passagens são minhas).

²⁶ “...Déu, qui és home en quant és home”. Passagem de interpretação especialmente difícil.

²⁷ “Con sia covinent cosa que home sàpia què és home, pus que és home, volem encercar e mostrar que és home; car en ço que home sap què és home, sab home si mateix, e en saber home si mateix sap amar si mateix e altre home, e encara, conèxer e amar Déu, qui és home en quant és home; e aquelles coses que pertanyen a home hom sap amar e conèxer, e squivar aquelles coses qui són contra home. E per aço és covinent cosa que fassam aquest LIBRE DE HOME, lo qual fem abreujadament e tant declarativament que pusque ésser entès bonament per tot home.”

A primeira coisa que salta aos olhos é a bela cadência rítmica do texto (que curiosamente não se perde ao ser vertido para o português): nosso filósofo é conhecido por sua capacidade de criar imagens surpreendentes, o que nos sugere uma pessoa com uma grande vivacidade sensorial.²⁸ E além do já conhecido gosto de Llull pelo ritmo frasístico para se chegar à beleza do entendimento²⁹ (com a repetição das palavras “homem”, “saber” e “amar e conhecer”), nessa passagem o maiorquino segue o preceito socrático “conhece-te a ti mesmo”³⁰ como fundamento para se chegar ao amor à humanidade e, a seguir, a Deus. Sua obra destina-se a que todos conheçam e amem a Deus, pois *conhecendo a si mesmo*, o homem chega a Deus, fórmula insistentemente repetida na antropologia medieval³¹, ou melhor dizendo, no *humanismo cristão*.³²

O *Livro do Homem* é dividido em três partes. Seu segundo livro trata exclusivamente da morte, tanto da corporal quanto da espiritual, e corresponde a exatamente 50% do total da obra – observem que no pensamento luliano o homem é o cume da criação divina.³³ Assim, neste segundo livro Ramon divide os conteúdos da seguinte maneira:

O Livro do Homem (1300) – Livro II – “Da morte do homem”	
I. Da morte corporal	I.1. O que a morte toma daqueles que morrem
	I.2. O que a morte dá àqueles que morrem
	I.3. Os sinais da morte
	I.4. Os perigos da morte
II. Da morte espiritual	II.1. Do pecado da alma
	II.1.1. O que é pecado?
	II.1.2. De que é feito o pecado?
	II.1.3. Por qu e existe o pecado?
	II.1.4. Quando existe?
	II.1.5. Qua l é?
	II.1.6. Em qu al tempo é?
	II.1.7. Onde está?
	II.1.8. Co mo está?
	II.1.9. Co m o que está?
	II.2.1. O que é virtud e?
	II.2.2. De que é feita a virtude?
	II.2.3. Por qu e é?
	II.2. Da saúde da alma
	II.2.4. Quan to?
	II.2.5. Qua l?
	II.2.6. Em qu al tempo?
	II.2.7. Onde está?
II.2.8. Co mo?	
II.2.9. Co m que?	

²⁸ J. BATALLA, “Introducció”. In: RAMON LLULL, *Lo Desconhort – Cant de Ramon*, op. cit., p. 14.

²⁹ Ver especialmente L. BADIA, *Teoria i pràctica de la Literatura en Ramon Llull*, Barcelona, Quaderns Crema, 1992.

³⁰ “Os que se conhecem sabem o que lhes é útil e distinguem o que podem fazer daquilo que não podem: ora, fazendo aquilo de que são capazes, adquirem o necessário e vivem felizes; abstendo-se daquilo que está acima de suas forças não cometem faltas e evitam o mau êxito; enfim, como são mais capazes de julgar os outros homens, podem, graças ao partido que daí tiram, conquistar grandes bens e livrar-se de grandes males (...) Contrariamente, caem nas desgraças.” – XENOFONTE, *Memoráveis*, IV, II, 26. São Paulo, Nova Cultural, 1987.

³¹ Para a antropologia medieval, ver J. CORCÓ, A. FIDORA, J. OLIVES PUIG, J. PARDO PASTOR (coord.), *Què és l’Home? Reflexions antropològiques a la Corona d’Aragó durant l’Edat Mitjana*, Barcelona, Prohom Edicions, 2004.

³² M. BALLANO, “A su imagen y semejanza. Aproximación a la antropología de San Bernardo”. In: *Obras completas de San Bernardo II. Biblioteca de autores cristianos* (BAC), Madrid, MCMXCIV, p. 04.

³³ De maneira semelhante, o Livro VIII do *Livro das Maravilhas* (1288-1289), que se intitula “Do Homem”, é um imenso tratado sobre o homem. Este capítulo ocupa quase 60% de toda a obra, além

A própria estrutura do capítulo deixa claro que, para o filósofo, é muito mais importante a morte da alma que a morte do corpo. E para salvar a alma da morte, a morte definitiva, Llull prescreve as virtudes contra os vícios, outro tema basilar de seus escritos.³⁴ Quanto à morte corporal, inevitável, ele inicia suas reflexões explicando o motivo pelo qual é importante considerar a morte: como ela é um traspassamento muito grave dessa vida para a outra e se aproxima sorrateiramente de nós todos os dias, dá um grande temor àqueles que pensam nela. Por isso se deve tratar da morte, pois ao lembrá-la e entendê-la, o homem orgulhoso se humilha, pensando que perderá todos os seus bens, seus amigos o esquecerão e os vermes, satisfeitos, o comerão.³⁵

Mas não só o orgulhoso se humilhará, ele nos diz. Também o avaro, o acidioso, o glutão, o invejoso, o irado, e “qualquer um que tenha os outros vícios e pecados”.³⁶ Em suma, a *meditatio mortis* luliana é dirigida sobretudo aos pecadores de qualquer camada social, “rei, conde, duque, marquês, prelado, religioso, burguês ou camponês”. Pois a morte tem uma virtude: ela é comum a todos, todos perdem seu corpo e os bens dessa vida. E a reflexão luliana se dirige em primeiro lugar ao orgulhoso, porque no setenário medieval dos pecados o orgulho, a *soberba*, é a mãe de todos os pecados.³⁷

Assim, Ramon principia com o que a morte toma daqueles que morrem. Em primeiro lugar, ela toma o que o homem mais tem nesse mundo, seu ser, isto é, seu corpo. Essa é a maior perda que se poderia sofrer e “muito horrível de considerar e de lembrar”, pois faz com que o homem fique muito “temeroso, triste e pensativo”. Ela também toma a vida, pois o morto apodrece e se torna pó sob a terra, e se apodera com tal força e intensidade que de nada valem as preces, o poder e a riqueza, os parentes ou qualquer artimanha, pois “a morte é verdadeiramente desconhecida e avara”.

No instante da morte, o homem perde a lembrança, o entendimento e a vontade. Llull adota a tríade agostiniana da alma³⁸ que reflete a impressão dos vestígios da San-

de ser quase duas vezes maior que o *Livro do Homem*. Este tema também é tratado nos capítulos 103-226 do *Libre de contemplació* (*Liber contemplationis magnus*, escrito por volta de 1272-1273) e nos capítulos 85-93 da *Doctrina Pueril* (1274-1276). O homem também é um dos Nove Sujeitos da Etapa Ternária de sua *Arte* (ver *Art breu* [*Ars brevis*], escrita em janeiro de 1308 em Pisa, parte IX, subj. 4).

³⁴ ORL XXI, p. 68-124.

³⁵ ORL XXI, p. 48.

³⁶ ORL XXI, p. 48. Acídia em lugar de preguiça: “A acídia é aquela tristeza modorrenta do coração que não se julga capaz de realizar aquilo para que Deus criou o homem. Essa modorra mostra sempre sua face fúnebre, onde quer que o homem tente sacudir a ontológica e essencial nobreza de seu ser como pessoa e suas obrigações e sobretudo a nobreza de sua filiação divina: isto é, quando repudia seu verdadeiro ser!” – J. LAUAND, “S. Tomás de Aquino e os Pecados Capitais”. In: *Notandum 10, Internet*, http://www.hottopos.com/notand10/jean.htm#_ftn2

³⁷ “Os vícios capitais na enumeração de Tomás são: vaidade, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e acídia. Hoje, em lugar da vaidade, a Igreja coloca a soberba e em lugar da acídia é mais frequente encontramos a preguiça na lista dos vícios capitais. Isto se deve a que a soberba é considerada por Tomás como um pecado, por assim dizer, *mega-capital*, fora da série e, portanto, prefere falar em vaidade (inanis gloria, vanglória).” – J. LAUAND, “S. Tomás de Aquino e os Pecados Capitais”, *op. cit.* Para os sete pecados capitais em Ramon Llull, ver COSTA, Ricardo. “A noção de *pecado* e os *sete pecados capitais* no *Livro das Maravilhas* (1288-1289) de Ramon Llull”. In: FILHO, Ruy de Oliveira Andrade (org.). *Relações de poder, educação e cultura na Antigüidade e Idade Média. Estudos em Homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro - I CIEAM - VII CEAM*. Santana de Parnaíba, SP: Editora Solis, 2005, p. 425-432. Internet: www.ricardocosta.com

³⁸ AGOSTINHO, *De trinitate*, X, 11-18.

tíssima Trindade no homem.³⁹ O tema da morte lhe causa espanto, estupefação: Llull se *maravilha*.⁴⁰ E por que? Porque há muitos homens são que acreditam conseguir o perdão divino apenas se arrependendo no momento da morte. Pelo contrário, o filósofo afirma que a justiça de Deus não pode se contradizer e requer vingança dos homens que, na plenitude de seu vigor e saúde, não se prepararam devidamente para fugir das penas infernais. Assim, no momento da morte, não adianta se arrepender, pois esse é um *arrepentimento tardio*, já que inclusive a memória é levada pela morte. Portanto, os homens doentes estão loucos se pensam poder imaginar os pecados que cometeram e se arrepender deles!⁴¹

A morte toma ainda duas coisas muito importantes e estimadas por todos: o sentimento – a capacidade de sentir as sensações oriundas dos sentidos – e os bens desse mundo, que são os ornamentos e a beleza. E é uma grande maravilha os homens e mulheres se esforcem tanto para serem belos, pois “a morte toma mais das mais belas e dos mais belos que dos menos belos e das menos belas”.⁴² A dualidade *belo/feio* proporciona a Llull criar uma passagem para descrever o lento e gradual avanço da morte pelo corpo, da feiúra, do antes jovem e belo, e agora velho (e logo) decomposto corpo humano:

A morte toma amigos e dá inimigos, conforme dissemos, e assim como toma amigos e dá inimigos, toma beleza e dá feiúra, pois quem vê a feiúra do corpo do homem depois de oito dias, ou mais, ou menos, veria a maior feiúra que pode ser vista no corpo, uma feiúra de fedor, de inflamação, de podridão que escorre pelos olhos, pelas orelhas, pela boca e pelo rosto, e todo o ventre está cheio de podridão, os braços, as costas, as ancas, as pernas e todo o corpo, por dentro e por fora, e por toda aquela podridão vermes muito horríveis de ver e de tocar comem o corpo do homem.

³⁹ F. DOMÍNGUES REBOIRAS, “Introducción”. In: *Raimvndi Lulli Opera Latina 92-96. In civitate maioricensi anno MCCC composita*, Turnhout, Brepols Publishers, 2000, p. 123. Para as potências da alma na filosofia luliana, ver R. DA COSTA, “O que é, de que é feita e porque existe? Definições lulianas no *Livro da Alma Racional* (1296)”, Palestra proferida no *II Colóquio Internacional de Filosofia Medieval – Antropologia: Raimundo Lúlio e Tomás de Aquino*, evento ocorrido no dia 21 de agosto de 2004 na UniLaSalle-RJ (Institutos Superiores La Salle) e promovido pela *Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio*, pela Universidade Federal Fluminense (Uff) e pelo Seminário Arquidiocesano São José, *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/pub/definiluli.htm>

⁴⁰ ORL XXI, p. 51. O *maravilhoso* em Ramon Llull é, sobretudo, a pura admiração, um ato de experimentar sentimentos de admiração, um prolongamento do *thaumázein* platônico – em Platão, o homem se alegra por conhecer as coisas por reflexo da divindade; no caso de Llull, se “maravilha”. Em português, a palavra maravilha possui ambos os sentidos: é um ato ou fato admirável e assombroso – a “maravilha da natureza”, por exemplo – e também pode ser entendido como um milagre, uma coisa prodigiosa que causa encanto e fascinação. *Maravilha* em português é também uma coisa bela, o que indica uma reminiscência do pensamento medieval que associava a verdade com a beleza e a bondade [*Unum, Verum, Bonum*], tudo retroagindo ao uno, isto é, a Deus. Ver E. COLOMER, *De la Edad Media al Renacimiento. Ramón Llull – Nicolau de Cusa – Juan Pico della Mirandola*, Barcelona, Editorial Herder, 1975, p. 28.

⁴¹ ORL XXI, p. 51-52.

⁴² ORL XXI, p. 53-54.

Assim, toda a beleza é tomada daquele corpo e lhe é dada toda a feiúra; não lhe permanece beleza nos cabelos, nem nos olhos, nem na boca, pois estão cheios de vermes; não há cor, nem branca, nem vermelha. Ah, Deus! Por que a morte toma tão grande beleza e dá tanta feiúra?⁴³

Por fim, a morte arrebatava dos homens os deleites, os sentidos corporais, prazeres que são tão amados nesse século, como, por exemplo, o deleite de ver “belas fêmeas, belas vestes, belo filho ou belo castelo”, e o deleite de ouvir prazerosas palavras, de cheirar o âmbar ou a flor. Nessa passagem, não posso deixar de comentar o duplo sentido da palavra catalã *delit: delete*, um vivo prazer da alma ou dos sentidos, mas também *delito*, infração da lei, no caso, da lei divina.⁴⁴ Ou seja, quando o homem se *deleita*, comete delíto, deleite/delíto contra Deus.⁴⁵

Um dos possíveis métodos de leitura dos textos medievais para se obter uma plena compreensão de seus conteúdos é a *leitura invertida*, isto é, valorizar positivamente o que o texto declara negativamente.⁴⁶ Assim, essas passagens, se lidas inversamente, mostram toda a capacidade estética de Ramon Llull⁴⁷, e como sua sensibilidade percebia muito bem as vaidades desse século.⁴⁸

Por fim, de todas essas violentas e súbitas apropriações, a morte toma o maior bem de todos: a *alma racional*, que é a captura que dá o maior sofrimento, maior inclusive que todos os prazeres que o homem teve desde que nasceu: “E como isso é assim, quem pode dizer, considerar ou escrever o tanto que a morte toma do homem

⁴³ “La mort toll amichs e dóna enamichs, segons que dit havem, e enaxí con toll amichs e dóna enamichs, toll bellesa e dóna legesa; car qui vehia la legesa del cors del home après .viiij. jorns, o plus o menys, veuria la major legesa que en cors pot ésser vista: legesa de pudor, de inflamet, de pudrit qui decorre per los ulls, orelles, bocha e cara, e tot lo ventre ple de pudrit e los braces, les spatles, les anques e les cames e tot lo cors dedins e defores, e per tot aquell pudrit vèrmens e molt horribles a veer a thocar e qui roen en lo cors de l ome. Tolta és, donchs, tota bellesa a aquell cors e donada li es tota legea: no lié s romasa bellesa de cabells, ni de ulls ni de boca, car plens són de vèrmens; no ha color blanca ni vermella. A, Deus! E per què la mort toll tant gran bellesa e dóna tant gran legea?” – ORL XXI, p. 54.

⁴⁴ GGL, 1983, vol. II, p. 35-36.

⁴⁵ R. DA COSTA, “A noção de *pecado* e os sete *pecados capitais* no Livro das Maravilhas (1288-1289) de Ramon Llull”. In: R. de O. A. FILHO (org.). *Relações de poder, educação e cultura na Antigüidade e Idade Média. Estudos em homenagem ao Professor Daniel Valle Ribeiro – I CIEAM – VII CEAM*. Santana de Parnaíba, SP: Editora SOLIS, 2005, p. 426.

⁴⁶ Por exemplo, há algum tempo, em uma classe de mestrado na Ufes, apresentei um sermão de um monge medieval que pregava para as mulheres e insistia que elas não deveriam ir para a missa com seus rostos pintados. Estupefata, uma aluna exclamou: “Coitadas das mulheres medievais, não podiam nem se pintar!” Tive que lhe explicar que o que ocorria na realidade era **exatamente o contrário**: justamente porque elas se pintavam é que o pregador fazia seu sermão...

⁴⁷ Ver I. ROVIRÓ I ALEMANY, “De la bellesa sensible a la font de la bellesa: la bellesa en Ramon Llull”, *Actes del Simposi Internacional de Filosofia de l’Edat Mitjana. Vic-Girona, 11-16 d’abril de 1993*, “Actes, núm 1”, Vic: Patronat d’Estudis Osonencs, 1996, p. 389-395.

⁴⁸ Um pouco semelhante à proposta de leitura de uma famosa pregação de São Bernardo contra a arte cluniacense. Ver *El abad Suger de Saint-Dennis y sus tesoros artísticos* (ed., comentarios y notas de Edwin Panofsky), Madrid, Catedra, 2004, e G. J. A. C. DIAS, OSB/FLUP. “Bernardo de Claraval. *Apologia ad Guillelmum Abbatem* - Apologia para Guilherme, abade.” In: *MEDIAEVALIA. Textos e Estudos*, 11-12 (1997), pp. 7-76. Faculdade de Letras do Porto e Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Coord.: J. F. Meirinhos.

ou a pena que lhe dá tomando o que toma? Eu não sei. E é uma grande maravilha como a morte tem tanto poder de tomar e de dar ao homem.”⁴⁹

A seguir, Ramon Llull trata das coisas que a morte dá ao homem. E o filósofo inicia com o pavor (o medo, o bom temor), aquele sentimento necessário que existe junto do amor para que os homens se abstenham de matar, de roubar e de se empanturrar de comida.⁵⁰

A morte proporciona humildade às pessoas, pois quando os orgulhosos se lembram dela e da justiça de Deus se humilham. Mas sobretudo a visão da morte (os ossos nos túmulos e o pó dos homens mortos) proporciona ao filósofo criar um belo e dramático monólogo fantástico e imaginário entre o homem pecador, suas mãos e sua boca:

Quando alguns homens vêem outros morrerem, têm piedade e choram, e quando vêem os ossos nos túmulos e o pó dos homens mortos e pensam que têm que morrer e serão assim podres como aqueles, têm piedade de si mesmos e dizem às suas mãos: “Ah, mãos! Não façais males por que sois belas e gordas, pois haverás de serdes podres e feias; nem vós, boca, não mintais para terdes saborosas comidas, pois virá o tempo em que vós vos tornareis comida de vermes.”⁵¹

Prosseguindo, em uma passagem tipicamente franciscana Llull afirma que a morte distribui riqueza, pois mata os homens ricos e malvados, gente mesquinha que impede os pobres de terem acesso às riquezas comuns a todos. Além disso, por medo da morte, esses mesmos ricos ainda distribuem esmolas, pensando que assim terão suas almas salvas!

A morte também impede a preguiça, pois sem ela o homem não se esforçaria para viver e ter as coisas necessárias à sua existência; e por causa da doença, que é o princípio do fim da vida, os homens recorrem a Deus, que é o “senhor da morte” – mais uma interessante definição do *mestre medieval das definições*.⁵² Contra essa senhora “boa e cortês” que tanta coisa dá, de nada valem as lágrimas, as riquezas, a nobreza, os parentes, a sabedoria ou o conhecimento, pois “a morte dá sempre seu golpe.”⁵³ Assim, a morte é boa, porque faz os homens terem paciência e menosprezarem as riquezas. Ademais, ela é *instrumento comum da natureza*, pois a ninguém perdoa e ninguém pode dela se defender, nem prelados, nem príncipes.

⁴⁹ “Hon, con açò sia enaxí, qui és qui pugués dir, consirar ni scriure tant com és açò que la mort toll a home, ni la pena que dóna en tollent ço que toll? Jo nou sé. E gran maravella és com la mort ha tan gran poder per tolre e per donar sobre home.”, ORL XXI, p. 55.

⁵⁰ É sempre bom relembrar que, na concepção medieval (e especialmente no pensamento político) *amor* e *temor* andam juntos, pois um complementa o outro – só com Maquiavel (1469-1527) é que os dois sentimentos foram opostos.

⁵¹ “Alcuns hòmens són que con veen los altres aucire han pietat e floren, e quant vehen en los vases los osses e la pols dels hòmens morts e pensen que ells han a morir e seran axí pudrits com aquells, han pietat de si mateiys e dien a lurs mans: ‘A, mans! No façats mal per ço que siats belles e grasses, pus que havets ésser podrides e ésser leges; ni vos, boca, no mintats per ço que hajats saboroses viandes, car temps serà, e tost esdevendrà, que vos serets menjar de vèrmens.’” – ORL XXI, p. 56.

⁵² A. BONNER, M. I. RIPOLL PERELLÓ, *Diccionari de definicions lul.lianes*, Col.lecció Blaquerna, 2, Universitat de Barcelona/Universitat de les Illes Balears, 2002, p. 10.

⁵³ ORL XXI, p. 58.

Por fim, após essa sucessão de definições da morte, Llull termina esse item com uma bela metáfora: a morte é uma casa de duas portas:

Por uma porta saem os homens justos dessa vida em que estão e vão viver na glória de Deus, na qual estarão perpetuamente sem fim; e essa porta é boa e muito desejável. Pela outra porta saem os homens maus e pecadores dessa vida para a morte perpétua infernal; esta porta é muito má e pavorosa.⁵⁴

A seguir, Ramon Llull trata dos males que a morte dá, e oferece um quadro muito interessante da medicina de então, pois principia com a decomposição física e comenta sobre os quatro elementos (fogo, ar, água e terra) que se acreditava existir no homem: desses elementos “são feitos os ossos, os nervos, a carne, os miolos e o sangue dos homens”⁵⁵, e como esses fundamentos se desfazem com a morte. Então ele explica a seu leitor as naturezas existentes no homem, suas potencialidades: a *vegetativa* (a capacidade de comer, de beber, de desejar calor ou frio), a *nutritiva* (o ato de digerir e transformar a comida em carne e sangue), a *retentiva* (que faz com que retenhamos a comida e a bebida para que seja feita a digestão) e a *expulsiva* (potência que expelle do corpo as superfluidades das comidas). A morte destrói todas essas capacidades físicas do homem.⁵⁶

Formado pelos quatro elementos e daquelas quatro naturezas, o homem ainda tem três coisas das quais é constituído: os seis sentidos (Llull acrescenta um sexto sentido que chama de *afato*, que é a capacidade de falar⁵⁷) a imaginação e a alma racional, a “mais soberana e mais nobre parte do homem”, substância espiritual⁵⁸ e única parte imortal.

Mas de todos os itens desse capítulo sobre a morte no *Livro do Homem*, o mais interessante a nosso ver são os dois últimos, os sinais e os perigos da morte. Nessas passagens, Ramon Llull nos mostra toda a sua capacidade de observação da realidade, aliada a um profundo senso metafísico e transcendental da existência.

Os sinais da morte são muitos e verdadeiros, ele nos diz. A filosofia deve tratar deles para que os homens estejam preparados para quando ela chegar – e que eles só morram uma vez. Os homens que morrem são sinais aos vivos que para a morte não há qualquer defesa; os ossos dos mortos, as construções antigas, as crianças órfãs, as viúvas e os médicos são sinais da morte. A velhice e a juventude também são dolorosos sinais, e a doença é a mensageira macabra que anuncia a chegada da morte. A morte dos animais e das plantas também são tristes sinais, além das mortíferas armas

⁵⁴ “Per la una porta hixen los hòmens justs d aquesta vida en què som e van viure en la glòria de Déu, en la qual estaran perpetuament sens fi; e aquell portal és bo e molt desirable. Per l altre portal hixen los hòmens mals peccadors daquesta vida en mort perpetual infernal: aquell portal és molt mal e spaventable.” – *ORL XXI*, p. 59.

⁵⁵ *ORL XXI*, p. 60.

⁵⁶ *ORL XXI*, p. 60-62.

⁵⁷ COLOM I MATEU, Miquel. *Glossari General Lul.lià*, GGL, Mallorca, Editorial Moll, 1983, vol. II, p. 198. Esse “descobrimento” do sexto sentido por Llull em 1294 mostra o quanto ele era receptivo da tradição aristotélica e dos comentadores do Estagirita. Com seu “sexto sentido”, o maiorquino recuperou o valor agostiniano da palavra e sua natureza.

⁵⁸ “Substância é o que está por si e sob o acidente, como o homem ou a pedra que está por si e sob a cor, a quantidade e as outras.” – A. BONNER, M. I. RIPOLL PERELLÓ. *Diccionari de definicions lul.lianes*, op. cit., p. 275.

dos homens. Por fim, a pobreza, a fome, a ira e a tristeza nos mostram a morte e a debilidade de nossa existência nesse mundo.⁵⁹

A morte é perigosa porque chega de muitas maneiras e todos os dias. E ninguém sabe onde morrerá, nem em qual momento:

Portanto, como a morte pode vir assim subitamente e o homem não pode saber ao certo quanto viverá nem quando morrerá, é uma grande maravilha que os homens se deleitem em construir casas, hortos, vinhas e juntar riquezas, pois aquele que faz a casa não sabe se lá estará, quando a conclui não sabe quando lá habitará, e quando ganha o dinheiro, não sabe quando o possuirá.⁶⁰

Em um jogo literário de contrastes, Ramon demonstra, como se estivesse fazendo uma pregação, a fragilidade da existência humana, e o objetivo de sua pregação:

O homem entra na casa e não sabe se dela sairá, e ao sair da casa não sabe quando retornará. O homem compra um peixe, mas não sabe se o comerá, coloca o vinho na taça, mas não sabe se o beberá; deseja falar, mas não sabe se falará; deseja comer luxúria, mas não sabe se a cometerá.

Assim, quem freqüentemente considerasse a morte, grande pavor teria dela, e ao ter pavor da morte acostumar-se a si mesmo a ter bons costumes e fugir dos males, menosprezando a vaidade deste mundo, e teria desejo de Deus e de estar com Ele na glória perdurável. E por tal desejo e boa vida não teria pavor da morte, e tal pavor da morte lhe seria um consolo.⁶¹

O homem pode morrer de diversas maneiras, ainda nos diz o filósofo. Por comer muito ou pouco, por beber muito ou pouco. Pode morrer de morte acidental ou natural, e ninguém sabe quando, como ou porque. Assim, Ramon conclui sua *meditatio mortis* com uma admoestação ao homem orgulhoso:

Assim, quem é aquele que deve ser orgulhoso e estimar algo de si mesmo e sua vida, já que sabe tão pouco de si próprio e o que irá acontecer? Há somente um conselho: amar, servir, honrar e louvar a Deus, a Ele pedir perdão e ter grande esperança, pois Ele toma e liga a morte, e não a deixa vir sem Sua licença e Sua vontade.⁶²

*

⁵⁹ ORL XXI, p. 64-65.

⁶⁰ "Hon, con la mort enaxí soptosament puscha venir, e home no puscha ésser cert quant viurà, ni quant morra, gran maravella és dels hòmens qui sadeliten en fer cases, ors e vinyes, e en ajustar riqueses; car aquell qui fa la casa, no sab si estarà, e quan l'afeta, no sap quant hi habitará; e com ha gonyat lo diner, no sap quant lo posseyrà." – ORL XXI, p. 66-67.

⁶¹ "Home entra en la casa e no sap si n'exirà; e hix de la casa: no sap si s'tornarà. Hom compra l'peix: no sap si l'menjarà; met del vi en l'anap: no sap si l'beurà; vol parlar: no sab si parlarà; vol fer luxúria: no sap si la farà. Hon, con açò sia enaxí, qui enaxí sovín considerava en la mort, gran pahor hauria d'ella, e en haver pahor de la mort acostumar-se a mateix ab bones costumes, e fugiria a les males e menyspresaria la vanitat d'aquest món, e hauria desig de Déu e de ésser ab ell en glòria perdurable; e per aytal desig e bona vida, no hauria paor de la mort, lo qual no paor en la mort li seria conort." – ORL XXI, p. 67.

⁶² "On, con açò sia enaxí, qui és aquell qui degua ésser orgullós ne presar res si mateix ne sa vida, pus que tan poch sap en si mateix ne en ço en què esdevindrà? No y ha altre consell mas Déu amar, servir, honrar e loar, e a él mercè clamar e gran esperança haver, car ell pren e lliga la mort, que no lexa venir a nos sens sa licència e son voler." – ORL XXI, p. 68.

A filosofia nasceu sob o signo da morte. E a reflexão sobre a morte e o significado da vida talvez tenham sido a contribuição mais notável da filosofia cristã medieval ao pensamento humano. Tema perene porque eterno, a morte é a única certeza da existência. Todos morreremos, todos viraremos pó. Ramon Llull defende que a morte está na vida e se manifesta em todos os seus momentos. A natureza da reflexão luliana sobre a morte é elevada e busca a transcendência contemplativa.

Assim, para se compreender profundamente o *ato meditativo fúnebre luliano*, deve-se contemplar o mais profundo do ser, a alma em seu estado puro, em sua natureza divina. A alma que toca a si própria medita para si, pois fora de si não pode encontrar o que busca. Essa *prática da morte* nada mais é que uma preparação para a vida, o exercício por excelência do ato de filosofar, como disse anteriormente. E em um certo sentido, toda a produção filosófica luliana foi uma preparação para a morte, pois o tema das virtudes, suas combinações e oposições aos vícios foi fundamental na arte luliana.

O tema da morte é um dos pontos que diferencia profundamente a filosofia antiga e medieval da moderna.⁶³ Quando Espinosa (1632-1677) afirmou que o homem livre é aquele que menos pensa na morte, pois sua sabedoria não é uma meditação sobre a morte, mas sobre a vida⁶⁴, expressava assim o fim da tradição antiga e medieval e o ingresso da filosofia em novos tempos. Tempos mais ativos, decididamente mais soberbos.⁶⁵

Dedico este artigo à memória do saudoso e querido amigo
Rui Vieira da Cunha.

A tradução do texto que ora apresentamos ao público português é inédita. Trata-se da primeira parte do segundo capítulo do *Livro do Homem* (“Da morte corporal”), obra escrita em novembro de 1300 pelo filósofo Ramon Llull quando este se encontrava em Maiorca. Nossa tradução teve como base o texto em catalão medieval publicado em ORL, vol. XXI, Palma, 1950, p. 03-159, que, por sua vez, baseou-se em dois manuscritos catalães do século XV e um latino do final do século XV e início do XVI, além da edição maguntina de 1737. Nossa proposta de tradução foi seguir o mais fielmente possível o texto catalão, preservando todas as suas características medievais.

*

⁶³ Como os anjos (*angelologia*), por exemplo. A filosofia medieval inicia e termina também tendo o tema angélico como referência. Ver P. FAURE. “Anjos”. In: J. LE GOFF, & J.-C. SCHMITT (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval I*. Bauru: EDUSC / São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 69-81 e R. DA COSTA e E. VENTORIM, “Entre o real e o imaginado. Prolongamentos apocalípticos angélicos na tradição filosófica medieval: Ramon Llull e o *Livro dos Anjos* (1274-1283)”. In: *Estudos de Religião* 23. *Revista Semestral de Estudos e Pesquisas em Religião*, São Bernardo do Campo, UMESP, 2002, Ano XVI, n. 23, dezembro de 2002.

⁶⁴ “Homo liber de nulla re minus quam de morte cogitat, et eius sapientia non mortis, sed vitae meditatio est.” – ESPINOSA, *Ethica* 4.

⁶⁵ Agradeço ao Prof. Dr. David Lorenzo Izquierdo (*Universitat Internacional de Catalunya* – UIC) por sua leitura e as sugestões que fez.

Da Segunda Parte desse Livro, que trata da morte do homem

Como o bom temor é conseqüência do bom amor e a morte é um traspassamento muito grave dessa vida para a outra, ela dá um grande temor àqueles que freqüentemente a consideram e sabem conhecer os caminhos pelos quais todos os dias se aproxima de nós. Por isso, propomos tratar da morte do homem, para que freqüentemente a lembrem, a entendam e dela tenham temor, pois ao lembrar e entender freqüentemente a morte, se humilha o homem orgulhoso, pensando que graças à morte será aviltado, de seus bens despossuído, por seus amigos esquecido, sob a terra posto, e os vermes que o comerão estarão muito satisfeitos.

Mas não somente o homem orgulhoso será humilde a Deus e a seu próximo por bons costumes se freqüentemente pensar na morte: se o homem avaro freqüentemente pensar nela terá grande pavor de Deus, pensando que a morte lhe tomará seus dinheiros e será para ele o portal do fogo infernal. O mesmo acontecerá com o homem luxurioso, o acidioso, o glutão, o invejoso e o irado, e qualquer um que tenha os outros vícios e pecados, qualquer rei, conde, duque, marquês, prelado, religioso, burguês ou camponês, pois todos terão temor se a morte souberem bem considerar, pois ela é comum a todas as gentes e por ela o homem perde seu corpo e todos os bens que tem nessa presente vida. Assim, é bom que façamos este livro, e que o façamos o mais plenamente que pudermos, para que uns e outros possam entendê-lo.

Da divisão dessa segunda parte

Este livro está dividido em duas partes: a primeira trata da morte corporal e a segunda da morte espiritual.

1. A primeira parte é dividida em quatro partes: a primeira trata do que a morte toma daqueles que morrem; a segunda daquilo que ela dá; a terceira dos sinais da morte; a quarta, dos perigos nos quais estão aqueles que morrem.

2. A segunda parte trata da morte espiritual, isto é, da morte da alma, e está dividida em duas partes: a primeira trata do pecado, a outra da saúde da alma.

Na primeira que trata do pecado, investigaremos o pecado por nove caminhos, isto é: o que é pecado, de que é, por que é, quanto é, qual é, em qual tempo está, onde está, como está e com o que está. E desejamos investigar o pecado por esses nove caminhos gerais a todas as investigações especiais para que do pecado, que é a morte da alma, nos defendamos tanto quanto possamos nos esquivar.

⁶⁶ Trad. e notas de Ricardo da Costa (Ufes – Brasil – www.ricardocosta.com), tradução feita a partir da edição ORL, vol. XXI, Palma, 1950, p. 48-68.

A segunda parte trata da saúde da alma, que é curada do pecado pela virtude ou pelas virtudes, a qual investigaremos por nove caminhos, isto é, o que é virtude, de que é, por que é, quanto é, qual é, em qual tempo está, onde está, como está e com que está. E fazemos esta investigação sobre a virtude para que a conheçamos e a amemos, e que com ela a alma seja curada do pecado e fique sã, pois convém que a virtude seja encontrada por um ou por algum desses nove caminhos, pois são princípios gerais a todas as coisas.

I. Da primeira parte dessa segunda parte, que trata da morte corporal

I.1. Do que a morte toma daqueles que morrem

1. A morte toma do homem o que ele mais tem nesse mundo, isto é, o ser, pois depois da morte a alma vai para o outro século e o corpo permanece neste em podridão e em pó; antes da morte, o homem tem o ser humano e seu ser é homem, e depois da morte o homem não tem o ser humano, pois a morte lhe toma o ser. Assim, com a morte o homem se torna um não-homem.

Portanto, a morte toma o homem, isto é, toma o homem de si mesmo, pois ele não permanece homem. E essa perda é tão grande para o homem que maior não poderia ser, pois o homem não pode perder mais que a si mesmo, nem a morte pode tomar mais que tomar o ser humano. Logo, essa perda tão grande é muito horrível de considerar, de lembrar, e faz com que o homem fique muito temeroso, triste e pensativo.

2. A morte toma a vida do homem, porque com a morte o homem vivo morre, e ela toma a vida longa e continuamente, pois até o dia da ressurreição o homem estará morto; e ela toma a vida com força, pois dela nenhum homem pode se defender, e o corpo estará longamente morto na terra, em podridão e em pó. E desta perda que a morte dá o homem é certificado, pois sabe que a morte virá e por nada conseguirá fugir. Assim, a morte é temível, pois toma a vida tão longamente e com força, já que é tão forte, e ela é tão verdadeira, tão desconhecida e tão avara, que de nada valem as forças, as preces, os honramentos, as riquezas, os parentes, nem qualquer coisa, como a sabedoria, a arte, o engenho ou a maestria.

3. Aos homens que estão mortos e estão para morrer a morte toma a lembrança, o entendimento e a boa vontade, pois por razão da doença que têm eles não podem bem lembrar, entender, nem desejar o que desejam, e o homem tem grande necessidade de lembrar, de entender e de amar. E ainda, o homem gravemente doente e com sofrimento lembra, entende e ama, e a morte toma dele o desejo de lembrar, de entender e de amar as coisas boas.

Assim, a morte é uma grande danoção ao homem que está a ponto de morrer e, por isso, é uma grande maravilha que os homens são esperam na morte lembrar, entender e ordenar o traspasseamento dessa vida para a outra com contrição, confissão, satisfação e oração, e a Deus peçam misericórdia e perdão, pois naquele momento a morte toma deles todas as maneiras e caminhos que eles propõem ordenar e cumprir. E disso não há nenhuma possibilidade de restauração, somente se Deus desejar ter misericórdia e piedade do homem por Sua grande bondade, caridade e humildade, e

porque o homem é Sua criação. Contudo, a justiça de Deus requer vingança daqueles homens que dissemos, que em sua saúde e sem estarem constrangidos pela morte tinham a liberdade de ordenarem a si mesmos para que, no traspassamento da morte, pudessem estar ordenados para ir à glória perpétua e fugir das penas infernais.

4. O homem tem imaginação com a qual imagina as coisas ausentes dos sentidos corporais e com a qual faz estarem presentes, e a morte toma a obra da imaginação e faz estar em privação as coisas ausentes. Por isso, a morte se aproxima dos homens doentes, em privação e não-ser, tomando-lhes seu poder de imaginar. Por isso, estão loucos os homens que em sua saúde pensam poder imaginar os pecados que têm feito, a maneira pela qual têm pecado e pela qual poderiam ter contrição e dor, suspirar e chorar e a Deus de seus pecados mercê clamar, e esperam fazer tudo isso somente na hora da morte, quando não podem seus pecados imaginar, nem por eles suspirar ou chorar.

5. A morte toma do homem o sentimento, pois na doença os homens doentes têm somente a virtude de ver, de ouvir, de cheirar, de degustar, de apalpar e de falar, e quanto mais se aproximam da morte, mais perdem aquelas virtudes, e na morte perdem tudo, inclusive o movimento do corpo, porque não se movem. E nela se perde a vegetação e sua ordem de sustentação, pois tudo é expelido em corrupção, em podridão e em não-ser. Assim, a morte toma todos os poderes que o homem tem neste século, tanto espirituais quanto corporais. Portanto, como a morte toma do homem tantas coisas que lhe são tão próprias, tão estimadas e que freqüentemente eram consideradas, como se poderia abster de muito suspirar e chorar?

6. A morte toma do homem os bens deste mundo nos quais ele longamente trabalhou, já que eles não podem ganhar, juntar ou mantê-los sem grande trabalho, e a morte toma-os do homem no momento em que morrem e dá aos vivos, separando-os e dividindo-os, como os dinheiros, as posses e os ornamentos. E aqueles que os recebem, não os devolveriam aos mortos se estes voltassem à vida, pelo contrário, já que amam mais os bens daqueles que sua vida ou sua salvação. E disso eu tenho experiência e exemplo. Assim, portanto, é grande coisa o que a morte tira dos homens mortos, e é uma grande perda pela maneira que toma, porque toma e dá aos inimigos daquele que toma.

7. A morte toma do homem seus ornamentos, os quais muito amava neste mundo, e toma-os com seu contrário, isto é, com desonra, pois o homem que enquanto vivo era ornado por amigos e parentes com louvores, reverências e obediências que lhe eram feitas pelo grande poder que tinha de castelos, de vilas, de reinos e de cidades, ela o faz morrer e ser despossuído, na terra soterrado e apodrecido e os homens que freqüentemente o louvavam, o temiam, o lembravam, o entediavam e o amavam ela faz com que seja menosprezado, esquecido, ignorado e desamado, e isso é tanto assim que quando ele morre, ninguém, por mais amigo que lhe tenha sido, o beijaria, nem de boa vontade o abraçaria, e estaria antes próximo de um asno morto ou de uma serpente morta há três dias que com um homem morto uma noite em um leito. Assim, quem poderia dizer ou imaginar a desonra que a morte faz ao homem morto? Ela faz muito maior desonra aos homens mais honrados que aos menos honrados, e aos mais ricos que aos pobres.

8. A morte toma dos homens e das mulheres a beleza, e toma mais das mais belas e dos mais belos que dos menos belos e das menos belas. Por isso, é uma maravilha como os homens e as mulheres se esforcem para serem belos e belas, já que mais podem perder sem poder se defender. O mesmo se pode dizer dos homens mais ricos e mais honrados.

9. A morte toma amigos e dá inimigos, conforme dissemos, e assim como toma amigos e dá inimigos, toma beleza e dá feiúra, pois quem vê a feiúra do corpo do homem depois de oito dias, ou mais, ou menos, veria a maior feiúra que pode ser vista no corpo, uma feiúra de fedor, de inflamação, de podridão que escorre pelos olhos, pelas orelhas, pela boca e pelo rosto, e todo o ventre está cheio de podridão, os braços, as costas, as ancas, as pernas e todo o corpo, por dentro e por fora, e por toda aquela podridão vermes muito horríveis de ver e de tocar comem o corpo do homem. Assim, toda a beleza é tomada daquele corpo e lhe é dada toda a feiúra; não lhe permanece beleza nos cabelos, nem nos olhos, nem na boca, pois estão cheios de vermes; não há cor, nem branca, nem vermelha. Ah, Deus! Por que a morte toma tão grande beleza e dá tanta feiúra?

10. A morte toma dos homens os deleites corporais tão amados nesse século, e os toma com sofrimento, com um grande sofrimento ainda maior que foram seus deleites, pois maior sofrimento têm seus olhos em perder a virtude da visão que os prazeres que teve em ver belas fêmeas, belas vestes, belo filho ou belo castelo, já que o sofrimento de morrer está dentro e o prazer vem de fora, e o mesmo acontece com os ouvidos, que têm maior sofrimento de perder a audição que prazer de ouvir prazerosas palavras, e de maneira semelhante os outros sentidos, como o desgustar, que tem maior pena de perder sentir o sabor que o prazer de cheirar o âmbar ou a flor. O mesmo acontece com o tato, ou todo o corpo, que tem maior pena quando a alma se separa do corpo que todos os prazeres que teve por sentir.

11. A morte toma do corpo do homem a alma racional, e toma a alma do corpo, e por esta captura e divisão o homem tem maior sofrimento que todos os prazeres que teve desde que nasceu, pois pelos prazeres o homem não se torna homem, mas pelo sofrimento que tem em morrer se torna não-homem. E como isso é assim, quem pode dizer, considerar ou escrever o tanto que a morte toma do homem ou a pena que lhe dá tomando o que toma? Eu não sei. E é uma grande maravilha como a morte tem tanto poder de tomar e de dar ao homem.

1.2. Do que a morte dá àqueles que morrem

A morte é a ocasião do bem e do mal. Por isso dizemos que a morte dá bens e dá males. E primeiramente falaremos dos bens e depois dos males.

1.2.1. Dos bens que a morte dá

1. A morte dá pavor, pelo qual os homens têm abstinência de fazer o mal, pois ao fazer o mal os homens têm pavor de morrer; como o homem irado, que se abstém de desejar matar outro homem, do qual tem pavor de matá-lo assim como o homem

ladrão, que se abstêm de roubar porque através do latrocínio o rei pode enforcá-lo, e o mesmo do homem que não quer comer muito para não ficar doente. E mais: o homem se abstêm de fazer o mal por pavor de morrer. Assim, a morte é boa, pois é ocasião de se ter pavor.

2. A morte é ocasião de humildade, conforme dissemos, pois muitos homens seriam orgulhosos se não se lembrassem da morte, mas como se lembram da morte e vêem outros homens morrerem, se humilham a Deus e aos outros homens, considerando que terão que morrer e ter uma vileza tão grande como é a morte, não têm nenhuma dignidade pela qual devam ser orgulhosos.

3. A morte faz o homem considerar a justiça de Deus, e quando desejam cometer pecado, têm consciência e pavor que, se cometerem pecado, Deus os fará rapidamente morrer e ter uma má morte.

4. Quando alguns homens vêem outros morrerem, têm piedade e choram, e quando vêem os ossos nos túmulos e o pó dos homens mortos e pensam que têm que morrer e serão assim podres como aqueles, têm piedade de si mesmos e dizem às suas mãos: “Ah, mãos! Não façais males por que sois belas e gordas, pois haverás de serdes podres e feias; nem vós, boca, não mintais para terdes saborosas comidas, pois virá o tempo em que vós vos tornareis comida de vermes.”

5. A morte mata os homens ricos e avaros que impedem que os pobres tenham as riquezas comuns, e os faz morrer em brevidade de tempo, por que os pobres todos os dias têm necessidade daquelas riquezas que lhe são furtadas e forçadas pelos homens ricos e avaros. Assim, a morte é boa, pois satisfaz os injuriados e força e mata os malvados.

6. O pavor da morte faz dar esmolas aos pobres para que, através das esmolas, Deus tenha piedade e perdão, e que através dos pobres que recebem as esmolas, Ele seja louvado, pregado e invocado.

7. O homem não pode viver sem comer e beber, sem se vestir e sem os outros bens que a natureza requer para se viver. Por isso, os homens são diligentes em buscar como podem viver, pois têm pavor de morrer de pobreza e por falta de comida. Assim, a morte é boa, pois sem ela o homem seria preguiçoso, negligente e de maus vícios acostumado, e umas terras não ajudariam outras com mercadoria.

8. Algumas vezes acontece, e outras mais freqüentemente, que os homens estejam em perigo de morrer pelas batalhas, roubos, tempestades no mar e muitas outras coisas, e como têm pavor de morrer e vêem que por si mesmos não podem fugir da morte, relembam Deus e o santo poder, Seu amor, Sua humildade e piedade, largueza e benignidade, e lembram de suas faltas, a debilidade de seu poder e que não podem se ajudar com arte nem com maestria. Então, têm esperança que Deus os ajude. Assim, a morte é boa, pois faz com que os homens tenham esperança em Deus.

9. A morte mata os homens que quando estão doentes e morrem não fazem o mal que freqüentemente faziam, pois não podem fazer nem tem com que, e se convertem em fazer o bem enquanto estão doentes; e enquanto morrem, pedem a Deus que lhes perdoe, e têm de Sua misericórdia esperança e lembrança. Assim, a morte é boa, porque faz cessar o mal e o pecado, e faz os homens se lembrarem, rogarem e se enamorarem de Deus.

10. A morte principia na doença, e sua sucessão é o fim da vida. Por isso, quando os homens estão doentes e os são têm amigos doentes, têm pavor da morte, pelo qual pavor recorrem a Deus, que é senhor da morte⁶⁷, contra a qual morte não têm nenhum poder, e faz com que amem, lembrem e roguem a Deus. Assim, a morte é boa e cortês, pois de Seu senhor os faz ter lembrança.

11. A morte mata o filho da senhora, o amigo do amigo, o escudeiro do cavaleiro, o boi do camponês; e a senhora, o amigo e o cavaleiro não podem anular a morte, e de nada valem as lágrimas, as riquezas, as nobrezas, os parentes, a sabedoria ou a arte, pois a morte dá sempre seu golpe. E assim, muitas vezes vem a paciência e a consolação aos homens vivos que perdem seus amigos que muito amam, e pela morte deles têm pobreza e passam necessidade. Assim, a morte é boa, pois faz ter paciência, que é boa virtude, e faz os homens se consolarem em seus trabalhos, danações e necessidades em tudo o que Deus deseja fazer.

12. A morte faz menosprezar a riqueza e amar a pobreza, e alguns homens sábios que pensam que vão morrer e deixar as riquezas que não podem ser levadas, e ao possuir e governá-las têm trabalhos, entendem que elas são de pouca utilidade e perigosas, e então ficam satisfeitos com as riquezas que têm e não desejam ter mais, pelo contrário, desejam ter pobreza para que de Deus possam melhor lembrar e amar, e da honra e da vanglória desse mundo fugir.

13. A morte é instrumento comum da natureza, por razão da qual é boa, pois ela vai por preladados, príncipes e todas as gentes, a ninguém perdoa e ninguém pode dela se defender. E se a morte não fosse comum, por sua parcialidade ocorreriam mais males e mais graves coisas que aquelas que acontecem por ela ser comum.

14. A morte é uma casa que tem duas portas. Por uma porta saem os homens justos dessa vida em que estão e vão viver na glória de Deus, na qual estarão perpetuamente sem fim; e essa porta é boa e muito desejável. Pela outra porta saem os homens maus e pecadores dessa vida para a morte perpétua infernal; esta porta é muito má e pavorosa.

1.2.2. Dos males que a morte dá

A morte é o contrário da vida, e é contrária à vida por corrupção como a vida é contrária à morte por geração. Assim, a morte faz mal aos homens corrompendo-os,

⁶⁷ Interessante definição luliana de Deus, “Senhor da morte”.

dos vivos que estão os faz mortos, e o mal que faz é tão grande que nada pode ser maior nesse mundo. Assim, como o homem existe de cinco coisas e a morte lhe faz mal em todas essas cinco coisas, desejamos investigar o mal em cada uma delas. Assim, primeiramente diremos dos elementos.

1. O homem é formado e constituído de cinco elementos, isto é, o fogo, o ar, a água e a terra, e desses são feitos os ossos, os nervos, a carne, os miolos e o sangue dos homens, e a morte corrompe aqueles ossos e parte os nervos para que os ossos se separem uns dos outros, e faz os vermes comerem a carne e o sangue, e os ossos e nervos se tornam pó pela putrefação. Assim, a morte faz um grande mal ao homem, porque lhe corrompe e lhe destrói os fundamentos do qual é constituído.

2. O homem é formado de uma natureza chamada *vegetativa*, que tem em si quatro coisas pelas quais existe. Por uma, os homens têm desejo de comer, de beber, de estarem quentes quando estão muito frios e de estarem frios quando estão muito aquecidos, e desejam umidade quando estão muito ressecados e *secura* quando estão repletos e muito cheios por uma grande abundância de umidade. Por esta natureza vivem os homens, e é chamada *potência desiderativa*, pois os homens desejam com ela as coisas que dissemos. E a morte consome e corrompe esta natureza com o calor do fogo, pois os homens doentes não têm o desejo ordenado e perdem a vontade de comer e de beber, já que não têm o que desejar; e não desejam comer nem beber pois se deixam morrer, já que sem comer e beber o homem não pode viver. Assim, a morte faz mal ao homem dessa maneira, e esse mal que faz é muito grande, detestável e temível.

O homem tem outra natureza chamada *potência nutritiva* ou *digestiva*, com a qual se alimenta, vive e cresce, pois a comida que come converte e trasmuta em sua carne, do pão faz carne em sua carne, engorda e faz crescer seu sangue e carne, e o vinho e a água que bebe converte em seu sangue, e seu sangue se alimenta e cresce, e com ela regula os ossos, seus nervos, sua carne, suas veias e suas juntas. E esta potência com a qual o homem vive e se sem a qual não pode viver a morte mata e corrompe com as qualidades dos elementos, isto é, o calor, a umidade, o frio e a *secura*, as quais corrompe e trasmuta em suas naturais obras contrárias, destruindo o calor natural. E como a potência nutritiva não tem do que crescer, regar ou se alimentar, morre, e sua morte é a morte do homem que com ela e por ela vivia.

O homem tem outra natureza chamada *potência retentiva*, com a qual retém em seu ventre a comida que come e o vinho e a água que bebe até que seja feita a digestão e a alimentação que dissemos; e assim como a vida fecha os buracos para que a comida permaneça e a digestão seja feita, a morte abre aqueles buracos para que saia a comida não digerida e que o corpo não tenha do que viver e morra. E a morte faz isso com as qualidades contrárias dos elementos, corrompendo a natureza do frio para que a água se restrinja, a *secura* para que a terra resseque e fechando os buracos para que a comida não saia.

Outra natureza tem ainda o homem e que se chama em latim *potência expulsiva*, e tem a natureza de expelir do corpo as superfluidades das comidas que não podem entrar na digestão nem na alimentação: ela expulsa as grossas matérias por vapores,

suores, cuspes, sangrias, furuncos e pelos buracos de baixo. A morte destrói aquela potência fechando os buracos do corpo com grande abundância de viscosidade, que restringe e endurece os lugares para que as grossas matérias não possam sair. Dessa forma, o corpo permanece cheio e inflado sem benefício externo, e a potência motiva, que existe do calor natural e está ligada à geração, não tem lugar para se mover e assim corrompe internamente o corpo. Assim, a morte é senhora e a vida sua serva.

Dissemos e mostramos o mal que faz a morte, destruindo e matando as partes da potência vegetativa.

3. A terceira coisa da qual é feita o homem é o sentido comum. É chamado de comum porque faz diversos juízos de sentir com um mesmo poder. Este sentido comum tem braços, isto é, os cinco sentidos,⁶⁸ e um sexto, encontrado recentemente.⁶⁹ E cada braço faz diversos juízos das coisas sentidas, como os olhos, que não podem degustar, ouvir, apalpar ou falar, nem as orelhas ver, e o mesmo dos outros. Mas, como cada sentido pertence ao braço do sentido comum, retém a natureza comum em sua particularidade, como a potência visiva, isto é, o poder de ver, que de um mesmo poder faz juízo de diversas coisas, como da cor branca, negra ou vermelha, e da figura do círculo, do quadrângulo e do triângulo, e o mesmo da figura do homem, do lugar e da árvore.⁷⁰

Cada um desses braços com os quais o homem sente tem seu órgão elementado e vegetado, como os olhos, que são órgãos e instrumentos da visão, as orelhas da audição, e o mesmo dos outros. E com a doença a morte corrompe com os órgãos e os instrumentos dos braços, e o sentido comum, que não pode durar sem degustar e apalpar, morre, e sua morte é a morte do homem.

4. A quarta coisa da qual o homem é feito é a imaginação, que existe das semelhanças nas quais se apresentam ao entendimento as figuras das coisas corporais, como o leão, que retém a semelhança em sua imaginação da fonte que bebeu, sem a qual semelhança não poderia retornar a ela. O mesmo ocorre com a imaginação do homem, e a morte destrói seu órgão com abundância de preenchimento e de frio, de frio e de secura, que retém as impressões das fantasias na membrana dos cérebros, e

⁶⁸ Llull utiliza aquí a metáfora da árvore para hierarquizar os sentidos.

⁶⁹ Trata-se do afato (*effatus*) – sexto sentido que produz a palavra (COLOM I MATEU, Miquel. *Glossari General Lul.lià*, GGL, Mallorca, Editorial Moll, 1983, vol. II, p. 198), a *faculdade de falar*, manifestação vocal dos seres animados (*Art Brevis*, parte IX, suj. 6). Esse “descobrimto” de Llull (em 1294) mostra o quanto ele era receptivo da tradição aristotélica e dos comentadores do Estagirita. Llull recupera com seu sexto sentido o valor agostiniano da palavra e sua natureza.

⁷⁰ O pano de fundo dessa concepção geométrica da realidade é pitagórica e platônica: para Llull, a circunferência, o quadrado e o triângulo são a base de toda a realidade e a base de todas as outras figuras geométricas, inclusive se incluem mutuamente, formando uma figura plena e constituída por um círculo, um triângulo e um quadrado sobrepostos que, no entender de Llull, têm a mesma área. Essa imagem representa a correspondência analógica entre o mundo humano, o mundo espiritual e o mundo divino. Ver P. VILLALBA I VARNEDA, “L’Home com a *Artista* en l’*Arbor Scientiae*”. In: J. CORCÓ, A. FIDORA, J. OLIVES PUIG, J. PARDO PASTOR (coord.), *Què és l’Home? Reflexions antropològiques a la Corona d’Aragó durant l’Edat Mitjana*, Barcelona, Prohom Edicions, 2004, p. 138.

corrompido o órgão, isto é, aquela membrana, o homem não tem o poder de imaginar as coisas sensíveis e necessárias à sua vida, e então morre, pois delas não sabe ministrar para si mesmo, nem se alimentar.

5. A quinta coisa da qual o homem é feito é a alma racional, que é a mais soberana e mais nobre parte do homem. Aquela a morte não pode destruir nem corromper, pois é substância espiritual.⁷¹ Mas o corpo é tão corrompido que a alma não lhe pode dar um ser, isto é, não pode ser dele forma, pois ele foi corrompido pela morte.⁷² Por sua vez, os órgãos, nos quais a alma tem seus atos, isto é, o coração, no qual tem sua vontade, o cérebro da frente, em que tem seu entender, e a nuca, onde tem seu lembrar, são fechados, e por esse fechamento a alma não pode neles estar, pelo contrário, lhe convém sair.⁷³ Contudo, esse exemplo é grosseiro, como o do vinho, que da garrafa fechada não pode sair.

Mostramos e dissemos a maneira pela qual a morte mata o homem, e ao morrer, as partes do homem que dissemos, reagem e desejam ajudar-lhe contra a morte, mas não podem. Assim, se pode conhecer como, no momento da morte, há um grande sofrimento, pois naquele momento todas as suas partes sofrem.

⁷¹ “Substância é o que está por si e sob o acidente, como o homem ou a pedra que está por si e sob a cor, a quantidade e as outras.” – A. BONNER, M. I. RIPOLL PERELLÓ. *Diccionari de definicions lul.lianes*, op. cit., p. 275.

⁷² “Forma é aquilo que dá ser à coisa, como a alma, que dá ser ao corpo”, A. BONNER, M. I. RIPOLL PERELLÓ, *Diccionari de definicions lul.lianes*, Col.lecció Blaquerna, 2, Universitat de Barcelona / Universitat de les Illes Balears, 2002, p. 177.

⁷³ Na filosofia luliana, existem órgãos corporais mais aptos às três potências da alma (memória, entendimento e vontade), de acordo com suas compleições e temperamentos. O *coração* é o órgão da **vontade**, o *cérebro da frente* (*cervell del front*) o órgão do **entendimento**, o *cérebro posterior* (*cervell detrás*) da **memória** e, no meio de ambos, a alma move a imaginativa a imaginar os objetos imagináveis. O coração, fonte do sangue, líquido que pertence à compleição do ar e mais propício à conversão que qualquer outra parte do corpo. Assim, a **vontade** da alma recebe o coração como instrumento, já que toma mais subitamente o objeto no entendimento que na memória. Por sua vez, para harmonizar a **memória** e o **entendimento** da alma no corpo humano, Llull divide o cérebro em três partes. O *cérebro da frente* (entre as sobrancelhas) é dado ao **entendimento**, pois, de todas as potências, o entendimento é a potência mais investigativa. Ao colocar o entendimento no que hoje chamamos de *lóbulo frontal*, Llull segue a tradição corânica: no *Alcorão Sagrado*, a frente é designada como *nássiah* (topete): “Ignora, acaso, que Deus o observa? Qual! Em verdade, se não se contiver, agarra-lo-emos pelo topete, topete de mentiras e de pecados.” (*Surata* 96, 14-16). Curiosamente, hoje a ciência afirma que essa área do cérebro é a responsável pela motivação das ações do indivíduo, é ela que determina a capacidade de recolher e analisar o conhecimento adquirido, além de selecionar as palavras para exprimir o que se deseja. Assim, essa região é apontada como a responsável pela origem do que é certo ou errado, da verdade ou da mentira. Ver R. DA COSTA, “O que é, de que é feita e porque existe? Definições lulianas no Livro da Alma Racional (1296)”, Palestra proferida no *II Colóquio Internacional de Filosofia Medieval – Antropologia: Raimundo Lúlio e Tomás de Aquino*, evento ocorrido no dia 21 de agosto de 2004 na UniLaSalle-RJ (Institutos Superiores La Salle) e promovido pela *Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio*, pela Universidade Federal Fluminense (Uff) e pelo Seminário Arquidiocesano São José, *Internet*, <http://www.ricardocosta.com/pub/definiluli.htm>

I.3. Os sinais da morte

1. Muitos e verdadeiros são os sinais da morte, mas falaremos brevemente só de alguns, para que o homem da morte tenha pavor e esteja preparado para depois ir para a vida e a glória perdurável, e que morra somente uma vez, pois aqueles que não estiverem preparados e morrerem em pecado mortal morrerão duas vezes, isto é, na morte corporal e na morte espiritual, já que tiveram os sinais da morte e não se prepararam ordenada e virtuosamente para morrer, e assim têm grande culpa.

2. Os homens que morrem são sinais aos homens vivos que morrerão, pois assim como aqueles que morrem não podem se defender da morte de nenhuma maneira, os homens vivos não poderão ter nenhuma maneira com a qual possam fugir da morte.

3. Os sinais da morte são os túmulos que o homem vê e os ossos dos homens mortos. Por sua vez, os sinais da morte são os antigos edifícios e construções que fizeram e construíram os homens antigos e que agora estão mortos. E sinais da morte também são as crianças órfãs, as fêmeas viúvas e os médicos.

4. A velhice é sinal da morte, pois a morte está próxima deles conforme o corpo da natureza, e a juventude também é sinal da morte, pois muitos homens jovens morrem. E a doença também é sinal da morte, pois ela é mensageira e anunciadora da morte.

5. A morte das bestas, dos pássaros, dos peixes e das árvores são sinais da morte aos homens, e esses sinais existem todos os dias, pois na carniceria o homem todos os dias vê as bestas mortas, na pescaria peixes mortos, e nos campos árvores mortas.

6. Espadas, lanças, dardos, e flechas são sinais da morte, pois são armas feitas para matar homens, e também as forcas, que são sinais da morte aos homens ladrões. E também os sapatos, cintos, bolsas e pergaminhos, que são de peles de bestas mortas.

7. Grande pobreza e grande carestia são sinais da morte, pois muitos homens morrem de fome. E também a ira é sinal da morte, pois os homens irados desejam matar outros homens. A tristeza também é sinal da morte, pois de tristeza o coração se abate e morre.

Todas essas coisas e muitas outras são sinais da morte, e esses sinais são muitos, freqüentes e de muitas maneiras, conforme dissemos, porque a morte se aproxima todos os dias, prende e mata os homens de diversas maneiras.

I.4. Os perigos da morte

1. De muitas maneiras a morte é perigosa: perigosa porque todos os dias se aproxima, perigosa porque é comum a todos e porque todos os dias chega e ninguém dela pode se defender nem fugir.

2. A morte chega a todos os lugares. Por isso, nenhum homem sabe em qual lugar morrerá, porque em qualquer lugar que esteja a morte é possível, já que o homem

que descansa pode morrer enquanto descansa, e caso se levante pode morrer naquele levantar; se se move um passo, naquele movimento pode morrer, se vai de um lugar a outro, em cada lugar por onde passa pode morrer. Assim, como o homem pode morrer em qualquer lugar, entre estar deitado e sentado, sentado, levantado ou andando, ninguém pode saber em qual lugar morrerá. Assim, a morte é coisa muito perigosa, e sua vinda é muito secreta e desconhecida.

3. A morte chega de noite e de dia, e como entre a noite e o dia há vinte e quatro horas, em qualquer hora se pode morrer. E como a morte chega em qualquer hora, em todos os graus, momentos e pontos que existem na hora o homem pode morrer, tanto que aqueles que têm os olhos fechados não sabem se morrerão quando os tiverem abertos, aqueles que falam não sabem se morrerão quando disserem uma palavra, e aquele que deitou não sabe se estará vivo quando se levantar. Assim, a morte é muito perigosa, pois pode vir subitamente, e subitamente vem algumas vezes, conforme temos experiência.

Logo, o homem não sabe quando morrerá nem quando viverá, somente que morrerá. Portanto, como a morte pode vir assim subitamente e o homem não pode saber ao certo quanto viverá nem quando morrerá, é uma grande maravilha que os homens se deleitem em construir casas, hortos, vinhas e juntar riquezas, pois aquele que faz a casa não sabe se lá estará, quando a conclui não sabe quando lá habitará, e quando ganha o dinheiro, não sabe quando o possuirá.

4. O homem entra na casa e não sabe se dela sairá, e ao sair da casa não sabe quando retornará. O homem compra um peixe, mas não sabe se o comerá, coloca o vinho na taça, mas não sabe se o beberá; deseja falar, mas não sabe se falará: deseja cometer luxúria, mas não sabe se a cometerá. Assim, quem freqüentemente assim considerasse a morte, grande pavor teria dela, e ao ter pavor da morte acostumar-se a si mesmo a ter bons costumes e fugir dos males, menosprezando a vaidade deste mundo, e teria desejo de Deus e de estar com Ele na glória perdurável. E por tal desejo e boa vida não teria pavor da morte, e tal pavor da morte lhe seria um consolo.

5. O homem pode morrer de diversas maneiras. Pode morrer por comer muito ou pouco, por beber muito ou pouco, e o mesmo de se vestir muito ou pouco; e pode morrer de morte natural ou morte acidental, isto é, morte por golpes ou feridas, por afogamento ou asfixia. E em cada uma dessas coisas há muitas maneiras de morrer, como na doença, em que se pode morrer por febres, apostema, disenteria e dor. E o mesmo da morte acidental, em que se pode morrer por cutelo, por espada, por lança, flecha, por golpe de maça ou de pedra, e o mesmo das outras coisas semelhantes a essas. Assim, como existem tantas maneiras pelas quais se pode morrer, não existe ninguém que possa saber a maneira pela qual morrerá. Por isso, ninguém pode evitar nem se defender da morte.

Ninguém sabe em qual estado morrerá, isto é, se morrerá em bom estado ou em mal, pois a morte vem e não se sabe por onde virá, nem quando ou como, nem porque, conforme dissemos. Pois qualquer um que tenha se confessado na igreja e proposto fazer o bem e não o mal, quando retornar para casa poderá ter ocasião de pecar muito

e mortalmente, e pecará, e poderá morrer subitamente. O mesmo se pode dizer do homem pecador, que se confessará e durante muito tempo terá estado em pecado e proporá fazer o bem não o mal, e naquele propósito poderá morrer subitamente.

Assim, quem é aquele que deve ser orgulhoso e estimar algo de si mesmo e sua vida, já que sabe tão pouco de si próprio e o que irá acontecer? Há somente um conselho: amar, servir, honrar e louvar a Deus, a Ele pedir perdão e ter grande esperança, pois Ele toma e liga a morte, e não a deixa vir sem Sua licença e Sua vontade.

Ricardo da Costa²
Universidade Federal do Espírito Santo - Brasil

² Professor de *História Medieval da Universidade Federal do Espírito Santo* (Ufes), Brasil.
Home-page: www.ricardocosta.com – **Bolsista pós-doutoral BBC 2005** (*Beques per a joves membres dels casals catalans*) de la *Generalidad de Catalunya*.